O Teste Z em crianças — análise das respostas Ban*

MARIA APARECIDA XAVIER**

1. Introdução; 2. Material e método; 3. Resultados; 4. Conclusão.

Abordando o problema da falta de sistematização metodológica com a qual se tem trabalhado no Teste Z para a determinação da categoria de respostas Ban, o trabalho procura colocar em evidência as prováveis implicações diagnósticas daí decorrentes. A partir da distribuição geral dos resultados obtidos na aplicação individual do teste a um grupo infantil, as respostas são experimentalmente classificadas em função dos diferentes valores de freqüência estatística, descritos na literatura. As diferenças que se registram entre as respostas de cada lista assim elaborada indicam que tão relevante quanto o critério geral de classificação seria a análise, nos exames individuais, das informações qualitativas contidas nestas respostas, em função de suas freqüências particulares de interpretação no grupo normativo e da natureza dos perceptos que as compõem.

1. Introdução

Constituindo sempre as percepções mais comuns e freqüentes em qualquer grupo, as interpretações Ban são genericamente designadas, nos Testes Rorschach ou Zulliger, como significativas da capacidade de adaptação do pensamento individual ao pensamento coletivo. Dada a base estatística na qual por definição se assenta esta categoria de respostas, determiná-la em resultados normativos, como objetivamos fazê-lo neste momento para o Teste Z, implicaria estabelecer-se inicialmente o nível de freqüência, a partir do qual uma resposta seria considerada comum ao grupo e, por isso, representativa do pensamento coletivo.

* Parte desta pesquisa foi subvencionada pelo CNPq. (Artigo apresentado à Redação em 1.2.84.)

** Do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto — USP. (Endereço da autora: FFCL-RP-USP — Av. Bandeirantes, s.n. — Ribeirão Preto, SP.)

O índice dessa freqüência não se tem mantido uniforme nos trabalhos que compõem a literatura na área, alterando-se mesmo em diversos momentos o próprio procedimento metodológico para o tratamento estatístico da resposta Ban. A primeira indicação de freqüência proposta por Rorschach (1967) em termos de 1:3 — interpretações dadas por um sujeito sobre três, aproximadamente 33,3% — é logo em seguida reduzida por Lopfe (apud Loosli-Usteri, 1965) para o nível de 1:6 (16,6%), que passa a ser a relação mais freqüentemente utilizada. Posteriormente, por considerar que estas interpretações aparecem de fato com freqüência menor que a descrita por Rorschach, Bohm (1968) introduz um valor intermediário para sua determinação, Ban passando a ser as respostas com freqüência entre 1:3 e 1:6, o mesmo fazendo Rapaport (1965) e Salas (1944) ao determiná-las com as freqüências de 1:5 e 1:4, respectivamente. Com Beck (1967) ampliam-se ainda mais as possibilidades desta determinação, pois o critério se faz menos rígido: Ban é a resposta numa localização escolhida no mínimo por 6% dos sujeitos e interpretada pelo menos por 14% deles, correspondendo aproximadamente a razão 1:7, devendo ser pelo menos três vezes tão freqüente quanto outras respostas na mesma área.

Constata-se então objetivamente que, sem que se modificasse a conceituação clínica da categoria, o "comum" ou o "freqüentemente interpretado", tomado como expressão do pensamento coletivo, passa a ser gradativamente a interpretação dada por um número cada vez mais e mais reduzido de pessoas: 1:3 (33,3%), 1:4 (25%), 1:5 (20%), 1:6 (16,6%) e 1:7 (14,2%).

O mesmo procedimento é observado no Teste Z. Da freqüência estatística 1:3, a partir da qual Zulliger (1957) elabora a lista de repostas Ban típicas da população suíça, trabalhos há onde a relação se mantém (Linares Maza), ou se estabelece ao nível de 1:6 (Stopa & Prado, 1967), enquanto outros se orientam pela proposição de Beck (Cordeiro & Guttler, 1955; Andrade, 1967).

Na tentativa de chegarem aos mesmos resultados de Zulliger para a prancha I, Morali-Daninos & Canivet (1966) "reconhecem o caráter de banalidade às respostas cuja freqüência ultrapassa a razão 1:4,5", embora assim o fazendo se vejam "forçados a admitir uma nova Ban que não aparece nos resultados suíços": "folha de árvore" no detalhe centro escuro da referida prancha. Este novo valor ganha adeptos. Com ele, Orval & Deltour (1968) ampliam a lista de Morali-Daninos & Canivet, acrescentando as que denominam "Ban suplementares": I Det. c. esc. — "Borboleta" e II Det. verm. esc. — "Pulmão". Bernet (1970) indica também "Peixes" no Det. verde da prancha II, mas deixa de considerar na mesma prancha as respostas "Pulmão" (Det. verm.) e "Coluna vertebral" (Dbl c. sup.) com freqüências respectivas de 1:3,2 e 1:4,3, justificando a exclusão pela "relação estreita da população estudada com o contexto hospitalar que poderia induzir freqüentemente estas interpretações". Macedo (1968) concorda com o critério 1:4,5 "porque possibilita melhor distribuição das respostas Ban no grupo", concluindo que "embora tenha enontrado respostas Ban qualitativamente diferentes dos estudos suíços e francês, quantitativamente obteve o mesmo resultado".

No conjunto desses trabalhos parece ficar evidente uma certa busca de uniformidade quanto às interpretações a serem classificadas, chegando-se mesmo a

rejeitar incompreensivelmente aquelas que, freqüentes no nível considerado, poderiam marcar uma diferenciação do grupo neste aspecto.

Por outro lado, um novo procedimento, representando mesmo uma modificação substancial no modo de considerar aquela relação original, pode ser constatado em outras pesquisas. Carelli (1966), embora aponte o critério 1:3, determina as respostas Ban em função da sua "incidência na área", enquanto Guerra (1977), afirmando ter "por base o critério utilizado pela maioria dos autores, entre os quais Beck e Rorschach", considera Ban "aquela resposta cujo percentual mínimo foi de 16%, cálculo feito em relação ao total de respostas na área". Sem dúvida, alteram-se nesses casos as proposições de Rorschach e Beck sobre o problema e resultados elaborados nesta base certamente vão-se apresentar influenciados pela metodologia utilizada.

Parece importante registrar-se ainda os resultados de Morales, Torrente & Serrat (1978), estabelecidos a partir do critério 1:3, dando margem porém a interrogações quando assinalam um total de 16 Ban ao teste, indicando-as como respostas "boas ou más (+ ou —)", algumas delas classificadas também como apreensões Dd ou Do. As contradições agora são evidentes: obviamente, Ban será sempre uma resposta F+ e, dada sua freqüência, não poderia apresentar-se como uma apreensão Dd, por si mesma "rara", e muito menos como Do, provável indício de inibição do pensamento, implicando ambas as categorias de apreensão em elementos de diferenciação e não de adaptação do pensamento.

Os dados descritos estão, pois, a demonstrar a enorme dificuldade em se comparar resultados Ban descritos na literatura para o Teste Z. As diferenças entre eles podem estar ocorrendo não especificamente em função das particularidades de pensamento dos grupos estudados, como seria lógico supor em se tratando da categoria Ban. Quase sempre encaradas apenas do ponto de vista quantitativo, as diferenças parecem surgir muitas vezes como conseqüência de alterações metodológicas introduzidas de forma simplista na sua determinação ou das tentativas de obtenção de resultados semelhantes entre grupos, levando a reduzir-se por isso, a cada momento e sem justificativas consistentes, o valor da freqüência esperada para a resposta finalmente classificada Ban.

Entretanto, seria necessário ponderar sobre até que ponto, às respostas classificadas pela redução do valor de sua freqüência, não corresponderiam algumas diferenças cujas implicações diagnósticas acabam por se perder, quando ao final se consideram para a análise de casos individuais simplesmente os índices médios da categoria — freqüência e percentagem — estabelecidos à custa daqueles procedimentos nos resultados do grupo normativo.

Frente a estas considerações, antes de definirmos o método a seguir para a elaboração dos dados normativos de nosso grupo, parece ser mais razoável analisar-se inicialmente a distribuição geral das respostas mais freqüentes ao teste, verificando-se em seguida a extensão com a qual tendem a se modificar quantitativa e qualitativamente naqueles resultados listas de respostas Ban determinadas em função dos diferentes valores de freqüência estatística descritos na literatura. A reflexão sobre os novos elementos talvez possa garantir maior objetividade e segurança às normas que finalmente vierem a ser propostas.

2. Material e método

2.1 *Amostra*

Constituiu-se de 634 crianças de ambos os sexos, faixa etária de cinco a 12 anos, freqüentando escolas públicas e particulares de Ribeirão Preto, São Paulo. Avaliada pela Escala Especial das Matrizes Progressivas de Raven, a amostra caracteriza-se como intelectualmente normal, classificando-se nos níveis médio e médio inferior quanto à situação sócio-econômica.

2.2 *Material*

Foram utilizadas pranchas do Teste Z para aplicação individual, protocolos de localização.

2.3 *Aplicação*

Foi feita individualmente, seguindo-se a técnica habitual, em sessões padronizadas que se iniciavam sempre pelo estabelecimento do *rapport*.

3. Resultados

A tabela 1 relaciona as interpretações mais freqüentes no grupo, com suas respectivas localizações.

Tabela 1

Distribuição percentual das interpretações mais freqüentes no grupo

Prancha	Localização	Respostas	Freqüência	(%)
I	G	Inseto	213	33,6
	G	Aranha	169	26,6
III	G	Seres humanos	351	55,4
	D_1 (Det. verm. c.)	Borboleta	406	64,0
	D_2 (Det. verm. lat.)	Pássaros	108	17,0
	D_2 (Det. verm. lat.)	Seres humanos	91	14,3

O número de sujeitos, dando as interpretações desta relação, decresce numa seqüência que se inicia no nível que abrange mais da metade da população ("Borboleta" III D_1 e "Seres humanos" III G) até aquele que no final atinge praticamente a sétima parte desta mesma população ("Seres humanos" III D_2). Estabelecendo-se a relação N/freqüência da resposta, poderemos distribuí-las pelos diferentes valores de freqüência estatística já propostos para a determinação Ban, calculando-se em seguida os índices médios — $\overline{X}$ e percentagem (Ban%) — que em cada lista definiriam os padrões de normalidade da categoria no grupo.

Tabela 2

Classificação das respostas Ban em função dos diferentes valores de freqüência estatística

Prancha	Localização	Respostas	Critérios de freqüência			
			1:3	1:4,5	1:6	1:7
I	G	Inseto	2,98	2,98	2,98	2,98
	G	Aranha		3,75	3,75	3,75
III	G	Seres humanos	1,81	1,81	1,81	1,81
	D_1	Borboleta	1,56	1,56	1,56	1,56
	D_2	Pássaros			5,87	5,87
	D_2	Seres humanos				6,96

Tabela 3

Índices médios da categoria Ban correspondentes às diferentes listas

Índices médios	Critérios			
	1:3	1:4,5	1:6	1:7
$\overline{X}$	1,5	1,8	2,0	2,1
Ban%	25,0	29,4	32,2	34,5

Obviamente, a cada redução do valor do critério de freqüência, corresponde sempre um aumento no número de respostas Ban, que, em relação ao primeiro grupo (1:3), estaria exatamente duplicado ao nível de 1:7, quando "Seres humanos" III D_2 com apenas 91 interpretações também se classificaria (tabela 2).

Observe-se também que se elevam a cada momento os índices médios da categoria no grupo (tabela 3), pontos de referência básica para a avaliação posterior de resultados individuais em termos de normalidade, elevação ou rebaixamento. Zulliger (1959) indica o intervalo percentual médio de 20-35% (critério 1:3), enquanto Orval & Deltour (1968) e Macedo (1968) obtêm, respectivamente, os intervalos 15-35% e 22-35% (critério 1:4,5). Os demais trabalhos, embora alterem sempre o critério de determinação Ban, não redefinem e nem especificam estes índices, continuando provavelmente a se utilizarem dos mesmos limites originais de Zulliger (1957), caracterizando um procedimento totalmente incoerente.

Considerado este aspecto, chama a atenção na tabela 2 o fato de, qualquer que venha a ser finalmente o critério aceito para a determinação da categoria, os resultados de nosso grupo permanecerem sempre diferentes daqueles evidenciados sobre outras populações. Excluindo-se as três respostas mais freqüentes que mesmo com critérios variados são Ban em todas as pesquisas, a partir da freqüência 1:3, a lista de Zulliger (1957) seria mais ampla, classificando também "Crustáceo ou caranguejo" (I G), "Animais" (II D_1), além de "Seres humanos" (III D_2), que, comum em todas as listas, só se classificaria em nosso grupo como a última Ban da freqüência 1:7.

Com a freqüência 1:4,5, ao invés de "Folha de árvore" (I D_1) proposta por Morali-Daninos & Canivet (1966) e seus seguidores, teríamos como segunda Ban na prancha I o percepto "Aranha" (G), que só aparece classificado nas

várias pesquisas quando incluído no conjunto animal mais amplo que compõe habitualmente a Ban "Inseto". As demais respostas indicadas nesta freqüência por Bernet (1970), Orval & Deltour (1968) e Macedo (1968) não estariam presentes.

Finalmente, se indicássemos o critério 1:6, seria Ban "Pássaros" (III D_2), assim relacionado somente por Morales, Torrente e Serrat (1978) a partir do critério 1:3, porém com as restrições metodológicas já apontadas.

Tal verificação parece validar de modo inconteste o pressuposto de que uma lista de respostas Ban deve refletir características intelectuais comuns do grupo considerado, no caso particular um grupo infantil, seu modo peculiar de perceber e assimilar a realidade que o cerca, razão pela qual a preocupação com semelhanças entre listas não se pode justificar. Por isso também a importância de padrões específicos para grupos específicos. Efetivamente, se, independente do critério de classificação, algumas respostas são Ban comuns a todos os grupos, tem-se agora como um dado concreto que, entre elas, fundamentalmente "Borboleta" (III D_1) e "Seres humanos" (III G) são as mais freqüentes nos protocolos infantis, suas ausências devendo certamente merecer uma atenção clínica especial em diagnósticos individuais. Por outro lado, ao se considerar o conjunto dos trabalhos descritos e tomados aqui valores de freqüência menos rígidos, "Aranha" (I G) e "Pássaros" (III D_1) tenderiam a se apresentar como respostas Ban mais tipicamente infantis.

Afora estes elementos, pode-se ainda verificar na tabela 2 que, embora provenham do mesmo e mais rigoroso valor de freqüência, 1:3, algum tipo de diferença deve ocorrer já mesmo entre o primeiro grupo de classificações: é sempre muito mais da metade das crianças sue interpreta "Borboleta" (III D_1) e "Seres humanos" (III G), enquanto praticamente apenas a terça parte delas interpreta "Inseto" (I G). Quando progressivamente se reduz o valor do critério e os demais conteúdos passam a se classificar, este distanciamento entre as respostas de cada lista tende a ser cada vez maior e, evidentemente, perde-se, nas respostas que se acrescentam, o sentido de serem as mesmas representativas de percepções da "maioria" do grupo. Conseqüentemente, deverá estar também diluída nelas a capacidade de expressarem por si o pensamento mais comum e convencional, implícito na conceituação Ban.

Esta observação leva à reflexão de que tão relevante quanto o próprio valor do critério de determinação Ban, que tanta celeuma causa, seria a explicação em resultados normativos do "peso" de cada resposta classificada, definida em função de sua freqüência efetiva. De fato, "Borboleta" e "Seres humanos" chegam a ser de duas a quatro vezes mais interpretadas que algumas das demais respostas classificadas por um ou outro critério e esta diferença precisaria ser levada em conta nos diagnósticos finais de adaptação intelectual de sujeitos, cujos protocolos contivessem ou não as citadas Ban.

Griffin (1957), Bloom (1962), Tarantino (1970) e Jacquemin (1982) têm proposto sistemas especiais de ponderação das interpretações Ban no Rorschach, uma forma certamente mais adequada e mais completa de se aproveitar clinicamente estas nuanças diagnósticas. A verificação da distribuição percentual relativa dessas respostas, calculada em função dos totais Ban nos diferentes valores de freqüência (ver tabela 4), reforça a importância de uma análise deste tipo.

Tabela 4

Distribuição dos valores percentuais relativos de cada resposta, em função do total das freqüências Ban nos diferentes critérios

Prancha	Localização	Respostas	Critérios							
			1:3		1:4,5		1:6		1:7	
			F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)
I	G	Inseto	213	21,9	213	18,7	213	17,1	213	15,9
	G	Aranha			169	14,8	169	13,5	169	12,6
III	G	Seres humanos	351	36,2	351	30,8	351	28,1	351	26,2
	D_1	Borboleta	406	41,9	406	35,7	406	32,6	406	30,4
	D_2	Pássaros					108	8,7	108	8,1
	D_2	Seres humanos							91	6,8
Total Ban no critério			970		1.139		1.247		1.338	

Se nos exames individuais não forem consideradas estas distâncias relativas entre as respostas Ban de uma dada lista, interpretações como "Borboleta" (III D_1) e "Inseto" (I G) no critério 1:3, ou "Seres humanos" (III G) e "Aranha" (I G) no critério 1:4,5, ou ainda "Borboleta" (III D_1), "Seres humanos" (III D_2) e "Pássaros" (III D_2) no critério 1:7 deixarão de receber qualquer distinção clvnica quanto a sua "força" individual de representação do pensamento coletivo nas listas consideradas, ganhando todas o mesmo valor indicativo do enquadramento de seus intérpretes aos padrões convencionais do grupo.

Em verdade, dois ou mais protocolos poderão refletir, em princípio, índices normais de adaptação — X e Ban% — qualificando, entretanto, ora uma forma mais acomodada e conformista que tem o sujeito de intelectualmente lidar com a realidade, ora caracterizando aquela maneira mais pessoal e mais individualizada de adequação ao pensamento coletivo. Qualquer que seja então a lista, será de fundamental importância confrontarem-se sempre, objetivamente, as configurações de respostas das quais provêm os índices avaliativos — individuais e do grupo — que definem os diagnósticos clínicos com relação à variável; qualificar-se-á melhor assim o modo como se opera de fato a adaptação intelectual, até então apenas quantitativamente considerada.

Finalmente, restaria analisar-se ainda o fato de algumas dessas respostas classificadas Ban resultarem de percepções únicas, específicas ("Borboleta" III D_1 e "Aranha" I G), enquanto outras são indicadas por um conteúdo genérico, exatamente porque têm origem no agrupamento de perceptos semelhantes ("Seres humanos" III G e D_2, "Inseto" I G e "Pássaros" III D_2).[1]

A preocupação com este novo dado surge em face da tendência generalizada que existe de se relacionar como Ban, na mesma localização das manchas, conteúdos referentes a várias espécies animais, por exemplo, sem indicação das freqüências particulares de cada tipo de percepto, fazendo supor tratar-se também de agrupamentos de respostas que só assim alcançariam o critério de classificação. Se, desse modo, agrupássemos em nossos resultados conteúdos "A" do tipo "Inseto" (grilo, formiga, barata, besouro etc. = 79) e "Animais quadrúpedes" (touros, búfalos, elefantes etc. = 49), todos interpretados na prancha II D_1 (Det. marrom), poderíamos também classificá-los como uma nova Ban ao nível de 1:6, como o fazem, nos respectivos critérios, Morali-Daninos & Canivet (1966), Bernet (1970) e Orval & Deltour (1968), entre outros. Entretanto, parece-nos totalmente injustificado o procedimento, dada a extrema diferenciação dos perceptos que caracterizam tais grupos de animais entre si. Tomados isoladamente, "Inseto" seria a resposta mais freqüente na seqüência da tabela 1, porém só alcançaria a classificação Ban ao nível de 1:9, enquanto "Animais quadrúpedes" só o fariam ao nível de 1:13. O controle estabelecido parece então fundamental; resguarda-se aos perceptos agrupados na mesma Ban um certo grau de equivalência formal, podendo assim corresponder-lhes individualmente aquele mesmo índice de representação do pensamento comum.

Por outro lado, o agrupamento de perceptos, mesmo semelhantes entre si, estabelece também um novo aspecto diferenciador entre as respostas Ban e, neste sentido, não se poderia deixar de refletir sobre as considerações de Jacquemin

[1] O atlas de respostas ao teste relacionará, em publicação posterior, os conteúdos que em cada caso compõem os agrupamentos.

(1982) que, em função desta variável, as classifica como Ban_e e Ban_r (específicas e agrupadas). Qualitativamente, as Ban_e viriam a ser tomadas como indicadores clínicos da adaptação social intelectual provavelmente mais conformista, expressa pela apreensão invariável de uma estrutura formal que facilita ou até mesmo impõe aquela intepretação. A adaptação mais individualizada e independente estaria representada pela capacidade de maior esforço associativo e elaboração perceptiva para a interpretação do estímulo que se deixa definir por uma variedade de imagens semelhantes (Ban_r).

Pode-se pensar então mais uma vez que, possivelmente mais ou tão significativo quanto o valor do critério quantitativo das classificações Ban, deverá ser a consideração das informações qualitativas guardadas nestas respostas e que se revelam fundamentalmente, quando analisadas quanto às suas freqüências individuais no grupo e quanto à especificidade ou não do percepto pelo qual são elas expressas.

4. Conclusão

As análises efetuadas permitem concluir inicialmente que o valor do critério estatístico e o modo de se estabelecer a relação de freqüência para a determinação da resposta Ban não podem resultar de decisões pessoais e arbitrárias do pesquisador, mas precisam ser delineados e utilizados de modo a preservarem, nos resultados normativos de qualquer grupo, os pressupostos básicos que definem a categoria como significativa do modo de pensar coletivo, comum e adaptado. Neste sentido, critérios mais rígidos discriminam com maior segurança aquelas interpretações indubitavelmente "mais comuns" ao grupo, com alta carga, portanto, daquele poder de representação.

Todavia, como um dado de fundamental importância, constatou-se também sistematicamente existirem, entre as respostas classificadas sob quaisquer valores, algumas diferenças quase sempre ignoradas, cujos sinais diagnósticos deveriam receber maior atenção dos pesquisadores e dos utilizadores do Teste Z. De fato, as distâncias relativas que se estabelecem entre elas quanto às suas freqüências individuais de interpretação, ora extremamente elevadas, ora se apresentando quase exatamente no limite do mínimo fixado pelo critério em questão, aliadas ao caráter de especificidade ou não dos perceptos que em cada caso compõem a resposta Ban, podem concorrer para lhes fazer corresponder graus proporcionais e qualitativamente diferenciados do poder de representação do pensamento comum.

Se estas diferenças inter e intralistas são uma constante, exigindo, portanto, que além da classificação inicial permitida pelo critério estatístico se esteja atento também com igual cuidado às informações clínicas que cercam cada resposta no contexto de uma lista Ban, para não propor como norma de nosso grupo uma delas em particular, sujeita também às mesmas limitações, julgamos poder ser extremamente relevante deixar, como referenciais para a utilização prática do Teste Z na área infantil, todas as informações quantitativas e qualitativas contidas nas diferentes listas aqui elaboradas. Mesmo que a cada momento, em face da presença de determinadas respostas, deva sempre o psicólogo restringir-se a uma das listas e a seus respectivos parâmetros quantitativos de interpretação

diagnóstica, ampliam-se ainda assim para ele as possibilidades de análises comparativas.

Pode-se pensar também que esta maior bagagem de informações contribua até para que não se eliminem de vez da análise dos resultados Ban alguns elementos que tendem a se apresentar como mais caracteristicamente infantis. Não se pretende em verdade justificar por este aspecto a indicação, ou julgar seja esta a solução para o problema da disparidade de critérios existentes para o tratamento da categoria. O procedimento abre, porém, melhores perspectivas de análise clínica da variável em protocolos individuais e estimula ao psicólogo profissional a prática salutar de não aceitar simplesmente o dado quantitativo de um percentual Ban, mas a buscar numa configuração particular de resultados os sinais qualitativos neles presentes, provavelmente capazes de refletirem com maior segurança a situação dos sujeitos analisados quanto à extensão e natureza de seu potencial de adequação intelectual em relação ao grupo.

Conclui-se, pois, que o trabalho normativo exige sempre reflexões quanto às implicações práticas resultantes de improvisações metodológicas, fazendo muitas vezes perder-se pelo caminho toda a riqueza informativa que um material projetivo como o Teste Z é capaz de fornecer.

Résumé

Le problème du manque de systématisation méthodologique avec lequel on détermine les réponses Ban au Test Z est souligné, ainsi que les implications diagnostiques qui en découlent.

A partir de la distribution générale des résultats obtenus par l'application individuelle du Test Z à des enfants, les réponses ont été classées en fonction des différentes valeurs de fréquence statistique observées dans la littérature. Les différences que l'on observe entre les réponses de chaque liste ainsi obtenue indiquent que dans des examens individuels l'analyse des informations qualitatives contenues dans ces réponses — fréquences particulières d'interpretations dans le groupe normatif et nature des percepts qui les composent — est certainement aussi importante que le critère général de classification.

Referências bibliográficas

Andrade, L. C. D. Elementos para sistematização da prova coletiva de Zulliger (Dia-Z-Test). In: *Primeiras Jornadas Brasileiras sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach.* Rio de Janeiro, Cepa, 1967. p. 103-18.

Beck, S. J. *Le Test de Rorschach.* Paris, Presses Universitaires de France, 1967. v. 1.

Bernet, A. Liste de cotation de formes pour le Test Z individuel. *Revue de Psychologie Appliquée, 20*(2):111-38, 1970.

Bloom, B. L. The Rorschach popular responses among Hawaiian schizophrenics. *J. Proj. Tech. 26*(2):173-81, 1962.

Bohm, E. *Manual del psicodiagnóstico de Rorschach.* 2. ed. Madrid, Morata, 1968.

Carelli, A. *Teste Z de Zulliger;* normas para adolescentes. São Paulo, Sara, 1966.

Cordeiro, M. R. & Guttler, M. C. Respostas mais freqüentes obtidas com o Z teste em crianças de 11, 12 e 13 anos. *Neurobiologia, 18*(3):141-60, 1955.

Griffin, D. P. Psychometric scales for the Rorschach popular responses. *J. Clin. Psychol., 13*(3):283-7, 1957.

Guerra, A. G. *O teste de Zulliger;* uma experiência brasileira. Rio de Janeiro, Cepa, 1977.
Jacquemin, A. Contribuição à interpretação do teste de Rorschach — validação das respostas Ban ponderadas — Ban_p. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 34*(2)72-84, abr./jun. 1982.
——— & Xavier, M. A. O Teste das Matrizes Progressivas de Raven Escala Especial. Estudo normativo em crianças de cinco a 11 anos. *Ciência e Cultura, 34*(4):524-9, 1982.
Linares Maza, A. Primeras investigaciones con el Z-"Test" en sujetos españoles. *Rev. Psicol. General Y Aplic.,* 7:107-16, 1952.
Loosli-Usteri, M. *Manual prático del test de Rorschach.* Madrid/México, Rialp, 1965.
Macedo, R. M. S. O Teste Z em adolescentes. *Revista de Psicologia Normal e Patológica, 14*(1/2):3-47, 1968.
Morales, C.; Torrente, J. E. & Serrat, D. Classificación de las respuestas en la prueba de Zulliger (Z-Test). *Revista de Psicol. Gen. y Aplic.,* p. 1.085-95, 1978.
Morali-Daninos, A. & Canivet, N. *Le test Z;* manuel d'application. Paris, Centre de Psychologie Appliquée, 1966.
Orval, J. & Deltour, J. Etude des réactions au Zulliger individuel d'une population normale de 103 garçons de 12-14 ans de la région liégeoise. *Comptes Rendus VI^e Congrés International du Rorschach et des Méthodes Projectives, 4*:745-52, 1968.
Rapaport, D. *Tests de diagnóstico psicológico.* Buenos Aires, Paidós, 1965.
Raven, J. C. *Test de Matrices Progresivas-Escala Especial.* Buenos Aires, Paidós, 1966.
Rorschach, H. *Psychodiagnostic.* Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
Salas, J. *El psicodiagnóstico de Rorschach.* Madrid, Morata, 1944.
Stopa, R. F. & Prado, P. C. Teste Z. Comparação de duas tabelas. In: *Primeiras Jornadas Brasileiras sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach.* Rio de Janeiro, Cepa, 1967. p. 79-87.
Tarantino, O. Réponses banales congolaises au test de Rorschach. *Revue de Psychologie Appliquée, 20*(3):181-201, 1970.
Zulliger, H. *Le test Z collectif.* Paris/Berne/Stuttgart, Hans Huber/Presses Universitaires de France, 1957.
———. *Le test Z individuel;* une méthode de type Rorschach abrégée pour exames individuels. Paris, Presses Universitaires de France, 1959.